

POLITIZANDO COM O CINEMA NA ESCOLA

Lições dos filmes “O Jardineiro Fiel”, “The Corporation” e “O Informante”

*João Luís de Almeida Machado*¹

- Tessa distinguia absolutamente entre a dor observada e a dor compartilhada. A dor observada é a dor jornalística. É dor diplomática. É dor da televisão e passa assim que você desliga o abominável aparelho. Aqueles que observam e nada fazem a respeito, na visão dela, não eram melhores do que aqueles que a infligiam. Eram os maus samaritanos. (LE CARRÉ, 2006, p. 150)

Quando o diplomata Justin Quayle (Ralph Fiennes) termina sua palestra e se prepara para responder as perguntas do público ali presente ele nem imagina que a história de sua vida está começando a ser reescrita. Entre as pessoas que estão no recinto encontra-se Tessa (Rachel Weisz), a mulher de sua vida e também a pessoa que modifica completamente a sua visão de mundo.

Enquanto ele é um ascendente jovem no complexo e disputado mundo da diplomacia internacional representando a Inglaterra no continente africano,

¹ Editor do portal Planeta Educação [www.planetaeducacao.com.br]; Doutor em Educação [PUC-SP]; Mestre em Educação, Arte e História da Cultura [Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP]; Autor do livro “Na Sala de Aula com a Sétima Arte – Aprendendo com o Cinema” [Editora Intersubjetiva, 2008].

sua jovem e sedutora esposa é uma ativista política envolvida em causas humanitárias que está no lugar mais explorado e desumano do mundo.

Essa explosiva combinação entre o talento, a argúcia e o engajamento de Tessa e as desigualdades e injustiças vividas pelos africanos é o motor de uma intrincada trama de interesses econômicos escusos de grandes indústrias farmacêuticas do primeiro mundo e a morte/desaparecimento de pobres e desfavorecidos “cidadãos” africanos.

A partir de suas investigações a jovem Tessa chega a descobertas surpreendentes que envolvem não apenas bilhões de dólares em investimentos em pesquisa e aperfeiçoamento de remédios pelas indústrias que atuam nesses países africanos, mas também os governos de importantes nações do mundo ocidental “civilizado”, inclusive a própria Inglaterra, seu país de origem.

Essas descobertas condenam a militante política à morte e também a indignidade perante seu próprio e amado esposo. Quayle, que além de suas reconhecidas habilidades no campo das relações entre países, é um devotado jardineiro a combater as ervas daninhas de seu impecável quintal tem que, a partir de investigações individuais, retomar a trilha de sua mulher.

A partir disso ele entra no jogo dos bilhões em busca do resgate do nome de sua esposa e da verdade que envolve a morte de inocentes paupérrimos no já devastado e desolado cenário africano. Sua cabeça passa então a valer muito para os caçadores de recompensas e suas imunidades diplomáticas são então esquecidas e invalidadas...

Desse breve resumo do romance de autoria de John Le Carré, *O Jardineiro Fiel*, transformado em filme de sucesso nas mãos do habilidoso

cineasta brasileiro Fernando Meirelles, entramos através das imagens da sétima arte e da literatura num universo devastado pela ambição humana, o continente africano. A origem ficcional dessa reflexão nos força a buscar respostas e pesquisar fatos concretos quanto à realidade do continente que deu origem a saga humana no planeta Terra e que, a despeito de todas as suas possibilidades, tradições, cultura, história e população, continua a ser explorado e/ou esquecido.

A África, que muitos ainda guardam na memória como um espaço natural privilegiado devido a sua flora e, principalmente, a sua fauna, é cenário contemporâneo de guerras coloniais ou civis (tribais, étnicas). Palco de intrigas políticas entre nações do rico e abastado mundo europeu que se “dignava” a legar aos nativos locais a “civilização” em troca do usufruto de suas terras, riquezas naturais e força de trabalho. Continente que mesmo depois da emancipação política da maioria de seus países continua, ainda nos dias de hoje, subjugada, vilipendiada e maltratada.

As heranças recebidas da “benesse” dos colonizadores incluem a devastação ambiental, o esgotamento das reservas minerais, as doenças epidêmicas que matam milhares de pessoas, o segregacionismo, a mutilação de suas culturas, a fome, a corrupção e o abandono. Se há investimentos na região, eles estão atrelados muito mais a possibilidade de enriquecimento e progresso das empresas, governos e particulares que colocam o seu capital na África do que a qualquer comprometimento real com a melhoria da qualidade de vida e desenvolvimento econômico e social daquele pedaço de chão.

A Nigéria por sua vez, vivia assolada por denúncias de corrupção, desmandos e violência que se tornaram ainda mais devastadoras para o processo emancipatório local com o assassinato de seu primeiro-ministro e a ascensão de um governo militar em 1966. Para piorar ainda mais a situação um movimento separatista proclamou o surgimento da República de Biafra apenas um ano depois do estabelecimento dos militares no poder. O país foi então tomado por uma guerra civil que se estendeu por três anos e vitimou mais de um milhão de pessoas. As maiores perdas não ocorreram nos campos de batalha e sim em virtude da fome e de doenças ocasionadas pela devastação do país. A derrota dos separatistas ocorreu apenas em 1970 e impediu a plena organização do país, um dos mais ricos em recursos minerais do continente africano (possui reservas de gás natural, carvão, petróleo e colúmbio – mineral utilizado para a produção do aço). (MACHADO, 2006)

E o que sabemos realmente sobre a África? Provavelmente aquilo que escutamos a partir da televisão ou do rádio, o que chegamos a ler nos jornais e nas revistas, as poucas notícias que chegam ao resto do mundo através da Internet e, além disso, nada mais. Pouco daquilo que é produzido culturalmente em países africanos consegue atravessar os oceanos que os separam de outras terras, mesmo se pensarmos na Europa, tão próxima e tão distante ao mesmo tempo.

Se não bastasse o descaso da indústria cultural ocidental relativamente à produção africana, ainda paira sobre o resto do mundo o desinteresse pela dura e triste realidade daquele continente. Envolvidos por uma tônica de vida individualista e consumista, os habitantes das outras regiões do planeta pouco enxergam além daquilo que realmente lhes interessa ou diz respeito de forma mais imediata.

É nesse sentido que a afirmação da personagem de Rachel Weisz, a jovem inglesa Tessa, apresentada no início desse artigo, passa a ter fundamento aos nossos olhos. Sua indignação com o espectador comum diante da televisão, que reage de forma indiferente aos dramas que assolam a vida cotidiana de milhares de pessoas em outras localidades, a fazem comparar tais pessoas aos atos cruéis praticados pelos próprios idealizadores e/ou executores das maiores indignidades de que temos notícia. Somos comparados aos demônios que tentamos excomungar dos nossos próprios corpos e pesadelos por nosso pecado cotidiano da imobilidade, do descaso e, como consequência disso, de nossa desumanidade...

- Nós que somos pagos para ver o que está acontecendo e preferimos não ver. Nós que caminhamos ao longo da vida com os olhos baixos.

- Ela falou isso?

- Eu falei. Era como ela veio a nos encarar. Nasceu rica, mas isso nunca a impressionou. Não tinha nenhum interesse por dinheiro. Precisava muito menos dele do que as classes em

ascensão. Mas sabia que não tinha desculpa por ficar indiferente ao que via e ouvia. Sabia que estava em débito.
(LE CARRÉ, 2006, p. 145)

Até que ponto “os fins justificam os meios”? Lucrar não é proibido. O que não pode ser admitido é que os lucros sejam obtidos a partir de qualquer tipo de exploração humana. Escravidão, baixos salários, condições insalubres para o exercício de suas funções, horas excessivas de trabalho e tantas outras indignidades e crimes contra o trabalhador e, principalmente ofensivas à própria condição humana devem ser extirpadas do mundo em que vivemos. Isso é posição corrente assumida pelos países signatários dos tratados e convenções internacionais promovidos pela ONU. Há, no entanto, uma evidente distância entre o que está no papel e aquilo que vivemos. É justamente nesse impasse/contra-senso que o mundo se encontra. O que fazer? O primeiro passo é que sejamos mais éticos e dignos em nosso cotidiano, em nossas práticas pessoais e profissionais, nos contextos em que vivemos...

Num segundo momento temos que nos sintonizar com os fatos e acontecimentos do mundo em que vivemos e nos posicionar em relação às injustiças e desmandos que presenciamos ou percebemos. Não podemos continuar sendo impassíveis e insensíveis espectadores de uma realidade vil, carregada de erros, explosiva devido à intolerância, corrompida e violenta. A participação em ONGs favoravelmente a causas como ecologia, educação, cultura, combate ao preconceito, suporte aos idosos, apoio a crianças carentes,

auxílio a deficientes e tantas outras nobres empreitadas não pode ser exceção, deve se tornar a tônica, prática regular de nossos cotidianos... Temos que levantar nossas vozes e mobilizar nossas forças em favor de um mundo mais justo, harmonioso e equilibrado.

Temos que, enquanto educadores, atuando nas escolas, demonstrar a nossa indignação perante as injustiças praticadas no mundo em que vivemos. Não somos seres apolíticos, pelo contrário, Aristóteles já nos caracterizava na Grécia Antiga como “animais políticos”, articulados, cheios de idéias, mobilizados por nossas paixões. Nossos alunos têm que perceber nosso envolvimento com causas nobres, entender nossas motivações, acompanhar nossos esforços. Somente assim iremos instá-los a envolver-se numa importante, imprescindível e efetiva luta em favor do bem, da ética e da dignidade humana.

Essa é, no tocante a obra ficcional de Le Carré, a prática adotada por Tessa. Britânica de origem abastada que, apesar do berço de ouro e das escolas particulares onde realizou sua formação, mesmo sabendo-se herdeira de um patrimônio material de considerável valor, não se entrega ao ócio e a acomodação típicas de quem já nasceu com o jogo da vida ganho. Nesse sentido, enaltecem-se as idéias do economista Amartya Sen, que destaca em sua obra *Desenvolvimento como liberdade*, o proeminente papel das mulheres no mundo contemporâneo e a necessidade de emancipação das mesmas em relação às sociedades machistas que as encarceravam sob o poder de seus pais e, posteriormente, de seus maridos.

Trabalhos empíricos recentes evidenciaram o modo como o respeito e a consideração pelo bem-estar das mulheres são acentuadamente influenciados por variáveis como o potencial das mulheres para auferir uma renda independente, encontrar emprego fora de casa, ter direitos de propriedade, ser alfabetizadas e participar como pessoas instruídas nas decisões dentro e fora da família. Nos países em desenvolvimento, mesmo a desvantagem feminina no quesito da sobrevivência em comparação com os homens parece diminuir drasticamente – podendo até mesmo ser eliminada – quando há progresso da condição de agente nesses aspectos.

(SEN, 2000, p. 222-223)

A Inglaterra constitui, claramente nos dias de hoje, ao lado das nações mais ricas e desenvolvidas do mundo, um dos baluartes dessa revolução das mulheres. Tessa é o estereótipo de mulheres ocidentais, nascidas em países democráticos, envolvidas pelo cotidiano acelerado de modelos capitalistas neoliberais e que conseguem ter acesso aos bancos escolares em seus vários degraus até a obtenção do diploma universitário que funciona para as mesmas como autêntica carta de alforria em muitos casos.

No entanto, é interessante perceber a contradição que rege a lógica de funcionamento interno do neoliberalismo vivenciado pelos países mais ricos e prósperos do século XXI, como é o caso da Inglaterra, a partir daquilo que propõem e realizam em prol de seus próprios cidadãos (entre as quais se

incluem as mulheres já há algum tempo), dando-lhes instrumentos para que sejam ativos, questionadores, participativos, competitivos e livres (dentro de certos fatores limitantes inerentes ao sistema e a nossa própria constituição natural) e, paralelamente a isso, cerceando-lhes o senso crítico e a capacidade de articulação diante de injustiças cometidas alhures.

Os bloqueios criados, invisíveis aos nossos olhares pouco atentos e treinados, mobilizam-se para impor uma alienação onipresente, que nos tornam insensíveis (mesmo que não nos tornem cegos, surdos e mudos) e que nos paralisam perante a doença, o analfabetismo, a fome, a violência e mesmo a morte que diariamente vitima milhares de crianças, jovens, adultos e idosos nos mais pobres endereços desse planeta. Repetimos atualmente a *Alegoria da Caverna*, do filósofo grego Platão, modernamente revisitada através de outra obra cinematográfica de grande repercussão, o filme *Matrix*, de Andy e Larry Wachowsky.

Sócrates - Agora imagina a maneira como segue o estado da nossa natureza relativamente à instrução e à ignorância. Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentados, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, pois as correntes os impedem de voltar à cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros

passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo dessa estrada está construído um pequeno muro, semelhante às divisórias que os apresentadores de títeres armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas.

Glauco - Estou vendo.

Sócrates - Imagina agora, ao longo desse pequeno muro, homens que transportam objetos de toda espécie, que o transportam: estatuetas de homens e animais, de pedra, madeira e toda espécie de matéria; naturalmente, entre esses transportadores, uns falam e outros seguem em silêncio.

Glauco - Um quadro estranho e estranhos prisioneiros.

Sócrates - Assemelham-se a nós. E, para começar, achas que, numa tal condição, eles tenham alguma vez visto, de si mesmos e dos seus companheiros, mais do que as sombras projetadas pelo fogo na parede da caverna que lhes fica de frente? (PLATÃO, 2006).

As invisíveis mordanças e vendas que sutilmente nos calam, ensurdecem e cegam são muito diferentes daquilo que acontece em localidades pobres e periféricas do mundo asiático, africano e latino-americano, onde as mulheres continuam marginalizadas e muito distantes dos direitos elementares concedidos aos seus concidadãos do sexo masculino (não de forma regular e satisfatória) e que, em outras paragens já são correntes há algum tempo. Escolas, médicos, dentistas, trabalho, alimento e mesmo respeito e dignidade são benefícios básicos aos quais milhares de mulheres não têm acesso em

diversos países do mundo ainda nesse século XXI, situação inimaginável para uma época de tanta prosperidade e de perspectivas tecnológicas tão avassaladoras.

O que se espera é que outras “Tessas” surjam na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos, na Alemanha e também na periferia, seja na África do Sul, em Moçambique, na Argélia ou na Costa do Marfim. Assim como aguarda-se pacientemente que a consciência que acomete Justin Quayle, o diplomata inglês, dublê de jardineiro, após a morte de sua amada esposa, mobilize igualmente os homens e as autoridades públicas dotadas de um pouco de bom senso, dignidade e honestidade.

- Estamos ouvindo muito a palavra radical, Justin – anuncia Lesley, emergindo de suas notas para interromper seus pensamentos mais uma vez. – Tessa era radical? Radical no sentido de militante, de onde viemos. “Se não gosta disto, jogue uma bomba”, esse tipo de coisa. Tessa não entrava nessa onda, não é? Nem Arnold. Ou será que entram?

A resposta de Justin tem o tom cansado de alguém repetitivamente sabatinado por um chefe de departamento pedante.

- Tessa acreditava que a busca irresponsável de lucro pelas corporações estava destruindo o globo e o mundo emergente em particular. À guisa de investimento, o capital do Ocidente arruinava o meio ambiente nativo e favorecia a ascensão das cleptocracias. Esse era o argumento dela. Dificilmente chega

a ser radical nos dias de hoje. Já o ouvi amplamente discutido nos corredores da comunidade internacional. Até mesmo em minha própria comissão. (LE CARRÉ, 2006, p. 163)

Quantas não são as pessoas que sabem com detalhes do sofrimento alheio e que, mesmo tendo alguma possibilidade de estender a mão e se mobilizar contra essa dor, se abstém. Quayle é o diplomata de carreira, herdeiro de tradições no ramo a partir de seus antepassados (o pai e o avô do personagem também haviam trilhado essa mesma jornada como representantes do Reino Unido em terras de além-mar), que já se deslocara por outros reinos distantes afetados por iguais calamidades e que, a despeito de tudo que vira, preferia manter-se à distância, evitando embaraços que poderiam causar contratempos a bandeira que sempre empunhou.

A crueza característica do vil mundo de negócios em sua “*busca irresponsável de lucro*” já “*estava destruindo o globo e o mundo emergente em particular*” há muito tempo quando Justin posicionou-se com essas palavras perante os policiais que colhiam seu depoimento. Posicionamento esse que, de acordo com as palavras do próprio personagem, não constituíam prova de radicalismo por parte de Tessa ou de qualquer outra pessoa, já que eram de corrente uso “*nos corredores da comunidade internacional*”.

De que outra forma podemos entender então constatações como a do diplomata brasileiro Rubens Ricupero, na introdução da obra de Jeffrey Sachs, *O Fim da Pobreza*, quando afirma que há “*algumas dessas nações [que] quase não participam do comércio mundial ou não tem qualquer acesso aos*

mercados privados de financiamento e investimento” senão como a certificação de que não há radicalismo algum quando afirmamos que o abandono de certas regiões do mundo realmente aconteceu e continua a ocorrer?

O próprio Ricupero afirma, pouco adiante, que de acordo com os cálculos da Organização das Nações Unidas (ONU) o investimento de aproximadamente 0,7% do Produto Interno Bruto (PIB) de todos os países desenvolvidos do mundo, associado ao perdão das dívidas externas e da moralização e melhor administração pública dessas nações, seria suficiente para reverter o quadro de pobreza endêmico que caracteriza a situação da África e de todos os países pobres dos demais continentes. E, por incrível que pareça, os próprios países signatários desse documento da ONU, não se mobilizam rumo ao cumprimento dessa nobre meta. Os Estados Unidos, por exemplo, mais rica nação do mundo, disponibiliza apenas 0,15% de seu PIB para esse fim enquanto, ao mesmo tempo, gasta 30 vezes mais com seu aparato militar.

Mas, o que era mais cruel, temia a fé dela, porque, como um pessimista bem pago, sabia que não possuía nenhuma. Nem na natureza humana, nem em Deus, nem no futuro e certamente não no poder universal do amor. O homem era vil e sempre o seria. O mundo continha um pequeno número de almas sensatas e Justin era uma delas. Seu trabalho, na sua visão singela, era desviar a raça humana de seus piores excessos – com a cláusula de que quando dois lados estavam

decididos a explodir um ao outro em pedacinhos havia muito pouco que uma pessoa sensata pudesse fazer, por mais implacável que fosse em seus esforços para impedir a crueldade. No fundo, o mestre do nihilismo altaneiro dizia a si mesmo que todos os homens civilizados são uns bárbaros nos dias de hoje e a maré está vindo cada vez com mais força, o tempo todo. Foi portanto duplamente infeliz que Justin, que considerava qualquer forma de idealismo com o mais profundo ceticismo, se envolvesse com uma jovem que, embora adoravelmente desinibida sob muitas maneiras, era incapaz de atravessar a rua sem antes assumir uma postura moral.

(LE CARRÉ, 2006, p. 142-143)

Quando o governo brasileiro brigou, há poucos anos atrás, com a indústria farmacêutica internacional pelo direito de quebrar patentes e baratear os custos de remédios destinados ao combate da AIDS, poucas pessoas pensaram a respeito do tamanho e poder do oponente com o qual se confrontava nosso pobre país.

Bilhões de dólares são anualmente movimentados por empresas que detêm o monopólio de fórmulas e também a primazia das pesquisas na área de medicamentos. São muito potentes e dispõem de muitos recursos (humanos, financeiros, materiais) os laboratórios e os conglomerados que representam a indústria de remédios estabelecida em países do primeiro mundo.

Esses conglomerados movimentam somas que superam o PIB da grande maioria dos países do mundo em que vivemos. Qualquer queda de braço com esses gigantes estabelece uma repetição da bíblica e mítica luta entre David e Golias. Para a sorte e esperança dos crédulos na justiça e na ética há sempre a possibilidade de acertar uma estilingada precisa entre os olhos desses assustadores oponentes...

O Jardineiro Fiel levanta questões relativas aos duvidosos interesses e práticas de “fictícias” empresas de grande porte do setor farmacêutico. Que, na realidade, nada tem de tão fictícias assim. Existem enquanto corporações estabelecidas, ricas, empreendedoras, ávidas por mercados maiores e lucratividade crescente.

Empresas que têm sua dinâmica de funcionamento descrita de forma aproximada a partir de produções fílmicas como *The Corporation* (2004, de Jennifer Abbot e Mike Achbar) e *O Informante* (2000, de Michael Mann).

Em *The Corporation*, por exemplo, somos informados que quando compramos uma camisa, um par de tênis, um medicamento ou um automóvel, atos aparentemente banais para a vida de milhares e milhares de pessoas mundo afora não percebemos que podemos estar financiando a continuidade da exploração da mão de obra de pessoas que nada mais têm a oferecer para garantir sua sobrevivência senão sua mão-de-obra barata.

E é justamente em busca de oportunidades de maximizar seus lucros e ganhar cada vez mais e mais dinheiro que grandes corporações multinacionais se estabelecem em países em desenvolvimento. O pesadelo de obras literárias geniais como “Admirável Mundo Novo” (de Aldous Huxley) ou “1984” (de

George Orwell) está se configurando na realidade de nossos dias a partir da ação praticamente invisível aos nossos olhos de gigantescas empresas de diferentes nacionalidades e setores de atuação.

Em *O Informante* ficamos sabendo que há algum tempo atrás, através de um prestigioso programa de televisão, veio à tona uma denúncia de impacto a respeito da indústria tabagista. Um alto executivo demitido por uma dessas empresas alertou a população para o fato de que os cigarros vendidos nos Estados Unidos estavam sendo fabricados com produtos que aceleravam o processo de dependência dos usuários em relação à nicotina.

Descobriu-se, portanto que as companhias fabricantes de cigarros não apenas estimulavam o consumo de seu produto através de milionárias campanhas publicitárias na televisão e nos demais meios de comunicação de massa como, também, inseriam produtos em suas mercadorias para, literalmente, “viciar” mais rapidamente os usuários. Se isso acontece na maior “democracia” do mundo, o que podemos esperar de indústrias que se estabelecem nos confins do planeta, em países miseráveis, e se dispõem a “tratar” da população doente dessas localidades sem que, em contrapartida, surjam lucros e benefícios para tais empresas?

Corporações são como tubarões. Têm objetivos bem definidos, são frias e não param enquanto não atingirem suas metas. O problema é que sua fome é incessante e, portanto, promovem mortes e desgraças sem que tenhamos qualquer idéia quanto a se isso irá parar algum dia...

Não se iluda, a definição dada acima é uma metáfora criada por uma das pessoas que enriquecem cada minuto do documentário *The Corporation* ao

socializarem experiências, ações, práticas e acontecimentos que foram por elas vivenciados ou estudados para que entendessem melhor o mundo atual, dominado pelas empresas de grande porte.

Chegou-se a conclusão de que não percebemos mais a interferência freqüente e diária dessas empresas em nossas vidas. Não apenas a partir dos produtos e serviços que elas nos oferecem, mas também a partir das “externalidades” que também são por elas legadas ao grande público. Entenda-se que esse conceito refere-se ao custo de suas operações que nos é transferido através da destruição do meio-ambiente, das guerras promovidas para sustentar seus rendimentos ou ainda pela fome e miséria causada entre os pobres trabalhadores do mundo não desenvolvido.

O idealismo que move Tessa em sua desenfreada busca por informações que a auxiliem a incriminar a *ThreeBees Corporation*, responsável pela produção de medicamentos em testes com a população africana sem que as pessoas medicadas saibam que estão sendo usadas como cobaias, até mesmo por serem consideradas descartáveis pela *ThreeBees*, é que nos permite ainda acreditar que existem falhas no sistema que dão origem a brechas onde atuam esses incansáveis homens e mulheres que denunciam as injustiças e arriscam suas vidas ao agirem de tal forma.

*- A universidade é um absoluto barril de pólvora, meu chapa –
Donohue aconselhara quando Woodrow o consultou sobre os
riscos. – As bolsas foram suspensas, o pessoal está sem
pagamento, as vagas vão para os ricos e burros, os*

dormitórios e salas de aula estão abarrotados, os banheiros bloqueados, as portas todas arrancadas, o risco de incêndio é elevado e estão cozinhando comida com carvão nos corredores. Não têm nenhuma energia, nem luz elétrica, nem livros para estudar. Os estudantes mais pobres estão indo às ruas porque o governo está privatizando o sistema de educação superior sem consultar ninguém e a educação é estritamente para os ricos, os resultados dos exames são manipulados e o governo tenta forçar os estudantes a buscar sua educação no exterior. E ontem a polícia matou dois estudantes, o que, por alguma razão, seus amigos se recusam a aceitar passivamente. Mais alguma pergunta? (LE CARRÉ, 2006, p. 123-124)

REFERÊNCIAS

Bibliográficas:

LE CARRÉ, John. *O Jardineiro Fiel*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

RICUPERO, Rubens. Introdução à edição brasileira. In: SACHS, Jeffrey. *O fim da pobreza: Como acabar com a miséria nos próximos 20 anos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

SACHS, Jeffrey. *O fim da pobreza: Como acabar com a miséria nos próximos 20 anos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

Eletrônicas:

MACHADO, João Luís de Almeida. *A ambição que destrói o mundo*. Disponível em <http://www.planetaeducacao.com.br/new/colunas2.asp?id=618>. Acesso em 21 nov 2006.

MACHADO, João Luís de Almeida. *A emancipação da África Negra: Desigualdade e autoritarismo nos países independentes da África*. Disponível em <http://www.planetaeducacao.com.br/new/colunas2.asp?id=591>. Acesso em 21 nov 2006.

MACHADO, João Luís de Almeida. *Drogas legalizadas e letais*. Disponível em <http://www.planetaeducacao.com.br/new/colunas2.asp?act=votar&id=174>. Acesso em 21 nov 2006.

MACHADO, João Luís de Almeida. *Os "Vampiros de Almas" e o "Continente Perdido"*. Disponível em <http://www.planetaeducacao.com.br/new/colunas2.asp?id=525>. Acesso em 21 nov 2006.

PLATÃO. *A alegoria da caverna*. Disponível em <http://www.planetaeducacao.com.br/new/colunas2.asp?id=669>. Acesso em 21 nov 2006.

Fílmicas:

MATRIX. Direção de Andy e Larry Wachowsky.

O INFORMANTE. Direção de Michael Mann.

O JARDINEIRO FIEL. Direção de Fernando Meirelles.

THE CORPORATION. Direção de Jennifer Abbott e Mark Achbar.